



Mulheres... experiências de uma caminhada

ANA CLÁUDIA FIGUEROA

WANDA DEIFELT

MARIA LUIZA RÜCKERT

JANE FALCONI FERREIRA VAZ

NANCY CARDOSO PEREIRA

MOSAICOS DA BÍBLIA **16**

Sumário

Apresentação	03
Poder fazer, poder dizer - algumas mulheres nas primeiras comunidades cristãs <i>Ana Cláudia Figueroa</i>	05
Entre o direito e o dever: A crise dos direitos reprodutivos ou a maternidade como opção e não obrigação <i>Wanda Deifelt</i>	11
"Para permanecer no caminho, precisamos de uma canção" (Manushi) <i>Maria Luiza Rückert</i>	17
Nosso corpo: testemunha do amor e erotismo <i>Jane Falconi Ferreira Vaz</i>	23
Pra não dizer que não falei de homens... <i>Nancy Cardoso Pereira</i>	27

Apresentação

Este número de Mosaicos da Bíblia encerra a série de 1994. Claro, ela continua em 1995!

Quisemos terminar com um assunto que consideramos de extrema importância: Questões da mulher em sua própria ótica!

Assim, reunimos algumas autoras trazendo suas questões, indagações e questionamentos sobre o ser mulher, o corpo, a sexualidade, as funções na hierarquia da igreja, a maternidade. É um leque que se abre ainda mais.

Tudo isso representa um universo muito rico e complexo que, com certeza, não se esgota nestes ensaios. Mas, sem dúvida, aumenta e enriquece a nossa caminhada através destas contribuições importantes para as mulheres, os homens, as nossas filhas e filhos.

"Para cada mulher que está cansada de comportar-se como frágil, quando se sabe que é forte, há um homem que está cansado de parecer forte, quando se sente vulnerável! Para cada mulher que está cansada de ser qualificada como fêmea emocional, há um homem ao qual se nega o direito de chorar e de ser terno. Para cada mulher que se sente escravizada pelos filhos, há um homem ao qual se nega o prazer de desfrutar a paternidade." (autoria desconhecida)

Jane Falconi Ferreira Vaz

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento da Linha Programática Bíblia e Unidade.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), a Linha Programática Bíblia e Unidade/Koinonia.

Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva a KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço.

Edição: MILTON SCHWANTES
JANE FALCONI F. VAZ
JOSÉ ADRIANO FILHO

Revisão: MILTON SCHWANTES
JANE FALCONI F. VAZ
JOSÉ ADRIANO FILHO
MARIA CRISTINA OLIVEIRA

Dição: JANE FALCONI F. VAZ
JOSÉ ADRIANO FILHO

Editoração Eletrônica: CLAUDIA SALVETTI SANZOCHI

São Paulo, outubro, novembro, dezembro de 1994.

KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço
Rua Pinheiros, 706 Casa 06 - 05422-001 - São Paulo-SP - Brasil
Fone: (011) 280.7461
Rua Santo Amaro, 129 - 22211-230 - Rio de Janeiro-RJ - Brasil
Fone: (021) 224.6713 - Fax: (021) 221.3016

Poder fazer, poder dizer

Algumas mulheres nas primeiras comunidades cristãs

Ana Cláudia Figueroa

Por serem ignorantes e analfabetos, estes, tanto homens quanto mulheres, corriam pelas cidades, e entravam nas casas. Pregando em lugares públicos e também nas igrejas... Também dizem que a consagração do corpo e sangue de Cristo na Santa Ceia pode ser feita por qualquer pessoa justa... Eles até crêem a mesma coisa concernente às mulheres, se são de sua seita, e assim dizem que toda pessoa santa é sacerdote¹.

Há muito tempo que discussões como esta fomentam elaborações teológicas em nossas diferentes igrejas. Provavelmente já no início do cristianismo mulheres exerciam funções nas comunidades, o que indignou alguns homens.

Poder fazer algumas atividades, não poder fazer outras. Poder dizer algumas palavras, não poder dizer outras. O que está por trás dessas normatizações em torno das lideranças femininas no cristianismo?

Vamos fazer exercícios de leitura que ajudam a responder.

Nós como mulheres reivindicamos outro olhar para a experiência da fé. Ao pensar a história, queremos visualizar novos personagens. Ao ler a Bíblia queremos redescobrir seu significado na experiência da vida. Nesse sentido o Novo Testamento se mostra como um amplo campo de trabalho. As muitas mulheres, nomeadas ou não nos textos, nos convidam a recontar a sua história.

Falta-nos, no entanto, definir melhor os parâmetros da pesquisa, um instrumento metodológico que nos aproxime com o máximo de fidelidade das primeiras comunidades cristãs. Assim, partimos dos seguintes pressupostos:

- * visualizar a experiência de vida das primeiras comunidades cristãs descrevendo melhor os sujeitos: com presença de homens e mulheres, crianças e idosos, pobres e ricos, estrangeiros e romanos
- * resgatar as experiências desde a realidade do conflito, uma vez que o Novo Testamento traz em si a característica de ser uma tentativa de solução teológica para conflitos emergentes (explícitos em algumas cartas, implicitamente nos evangelhos)
- * os textos são testemunhos de uma parcialidade dentro das comunidades. Fazer a sua leitura também significa reconstituir outras parcialidades existentes. Não devemos encarar os textos como normativos, uma vez que são circunstanciais.

A seguir proponho uma leitura sobre a história das mulheres que exerceram liderança no primeiro século em comunidades cristãs.

1 Texto escrito por Bernardo Gui, inquisidor no sul da França, contra os valdenses, datado de 1300 d.C. In: BARRY, Colman J., *Reading in Church History*. Volume I. Westminster, Newman Press, 1956, p.544,546. Citado por REILY, Duncan Alexander, *Ministérios femininos em perspectiva histórica*. São Paulo/Campinas, CEBEP/Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, p.119.

Falar, profetizar - mulheres em Corinto

Nas cartas de Paulo aos Coríntios, encontramos duas referências claras relativas à presença de mulheres na comunidade: 1 Coríntios 11,2-16 e 14,34-35. Os dois textos discutem a ordem no culto e referem-se ao dom de profetizar na comunidade.

Paulo opina sobre algum conflito que transparece na sua redação: existem mulheres profetizando e o fazem de forma que não agrada aos simpatizantes do seu ensino. Não parece ser coisa muito fácil de resolver, pois Paulo usa da tradição judaica para solucionar o problema: 11,9 e 14,34-35.

Mas, de fato qual é o problema? Mulheres profetizando, por isso a necessidade de proibir a sua fala? Não. Apesar de indicativos bem claros "solicitando" o silêncio das mulheres em 14,34, existe um reconhecimento evidente em 11,5-16 de que mulheres "podem" profetizar desde que observem certas normas.

Então, deveríamos pensar que o problema está na forma? Que essas mulheres usavam determinados costumes provindos de outros cultos no exercício da profecia, decorrendo disso a necessidade de manter a "identidade própria" do movimento de Jesus? Há quem diga que essa é a chave de leitura para esses textos². No entanto, discutir um costume não seria um pretense motivo para questionar o conteúdo da fala profética?

Na comunidade de Corinto havia muitas divergências com o ensino paulino. Todas as possíveis quatro cartas³ escritas por Paulo denotam conflito nessa linha: 1 Coríntios 1,10-16; 9; 12; 13; 14; 2 Coríntios 2,5-13; 2,17; 8; 10,1-18; 11,3-15; 12,21. De acordo com estes textos os conflitos variam de forma e sentido: desde a coleta de ofertas missionárias até o ensino teológico.

Assim, não devemos entender isoladamente os textos onde há confronto com a presença de profetisas na comunidade. Trata-se provavelmente de um contexto onde os ensinamentos paulinos eram aceitos somente por um pequeno grupo. Conseqüentemente, a presença de profetisas enquanto alvo das críticas indica a existência de discursos teológicos e práticas distintas da proposta de compreensão paulina do evangelho. Se para Paulo a linguagem da cruz, Cristo morto e ressuscitado, é um tema que se repete a cada tentativa de solução de conflitos, talvez para nossas profetisas outras ênfases teológicas representassem melhor o discurso e a prática cristãs⁴.

Proponho uma visualização de alguns conflitos que percebemos através da primeira carta aos Coríntios com os respectivos argumentos teológicos apresentados por Paulo na tentativa de solucioná-los:

-
- 2 SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth, *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p.266.
 - 3 Há indicações de que originalmente Paulo escreveu quatro cartas: em 1 Coríntios 16,8 há uma referência de uma possível primeira carta, a qual não temos acesso. Assim, o que chamamos 1 Coríntios seria na realidade a segunda carta; a atual 2 Coríntios apresenta rupturas literárias. Então teríamos: a terceira carta (chamada carta das lágrimas) constituída por 2 Coríntios 2,14-7,4 e 10,1-13,10; a quarta carta constituída por 2 Coríntios 1,1-2,13; 7,5-16; 8; 13,11-13. O restante de 2 Coríntios é considerado não paulino.
 - 4 A insistência no tema da morte e ressurreição para explicar o evangelho de Cristo aparece sempre como fórmula parâmetro na resolução de problemas, uma vez que o Cristo apresentado dessa forma é a mediação para a compreensão de valores e autoridade (1 Coríntios 1,23; 2,26; 3,10-23; 4,1-5; 5,7; 6,11). Utilizar esse argumento como único correto para entender as práticas na comunidade em Corinto pode ser um equívoco.

Tema Central	Textos	Conflito Implícito	Argumento Teológico
Briga entre lideranças	1,11-31; 2,1-16; 3,1-23	Conteúdo da pregação de Paulo e seus seguidores na comunidade é diferente do conteúdo de outros segmentos	Mensagem da cruz é loucura para a sabedoria humana. Deus escolheu as coisas humildes
	4,1-21	Questionamento dos ensinamentos paulinos Conflito entre “ricos” (que reinam “sem nós”) e “atribulados” (apóstolos), recorrendo ao tribunal civil para resolver diferenças	Sabedoria paulina é obra do Espírito de Deus Nada julgueis até que venha o Senhor; as coisas de Deus são ocultas Imitar a Paulo que o gerou; porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder
Sexualidade/ Imoralidade	5,1-13	Incesto (?)	Tal pessoa deve ser entregue a satanás em nome de Jesus Cristo e lançado fora da comunidade
	6,1-11		Conflitos pessoais resolvidos em tribunal civil Os santos julgarão o mundo. Não se deve recorrer a tribunal civil
	6,12-7,40	Conduta sexual	- Somos Corpo de Cristo, santuário do Espírito Santo, para pureza. Não devemos fazer o corpo de Cristo uma prostituta - É bom não tocar mulher (virginidade). Se quer tocar deve casar - Não deve separar-ser, cada um deve permanecer naquilo que foi chamado - Não casar, assim pode-se dedicar mais tempo às “coisas de Deus”
Judaizantes	8,1-13; 9,27; 10,1-33	Comer ou não coisa sacrificada a ídolos	Tudo é em Cristo, não perdemos ou ganhamos se comermos pois não é comida que nos recomendará a Deus. Como Israel, devemos fugir da idolatria. Se servir de escândalo, não comer, tudo é lícito, mas nem tudo convém

Vida litúrgica/cúltica	11,1-16	Mulheres profetizando de maneira estranha (ou conteúdo diferente)	- Usar véu é sinal de autoridade - Homem é igual a Deus, mulher igual ao homem. Homem vem da mulher. Tudo vem de Deus
	11,17-34	Ceia mal distribuída	- Na hora de comer deve-se esperar uns aos outros pois a ceia é celebração da espera do retorno de Cristo
	12-14	Predominância de determinados dons sobre outros	- Espírito distribuído como convém. Todos são membros de um corpo - Amor é dom supremo - Profecia é superior a línguas - Ordem quando houver línguas (cuidado quando não houver tradução) - Mulheres devem se calar

Não vamos nos ater a uma pesquisa mais detalhada dos problemas da comunidade, mas somente levantar possibilidades de compreensão das lideranças na mesma. Não se pode negar a presença de mulheres falando e não se deve entender as restrições paulinas como forma normativa de resolver questões pertinentes à toda comunidade. Num contexto de muitas lideranças com ensinamentos e práticas distintas, profetisas ensinavam e se confrontavam com grupos paulinos. Como não é de se estranhar, Paulo está de acordo com seus seguidores.

O núcleo da carta contra a presença de mulheres profetizando se encontra nitidamente no bloco de interesses litúrgico-celebrativos da comunidade. Não é difícil imaginar que conflitos em torno da sexualidade, por exemplo, estejam vinculados aos ensinamentos contrários ao entendimento de Paulo, que vão desde a interpretação da morte de Jesus até a aplicação cotidiana da ceia e o seu significado na vida da comunidade.

O que nos compete fazer hoje, é perguntar se devemos continuar excluindo e restringindo a ação das profetisas de nossas comunidades. Ou se devemos incluir seus ensinamentos no nosso calendário teológico.

Fazer e não ensinar - mulheres nas Pastorais

Chamamos de Pastorais as epístolas de 1 e 2 Timóteo e Tito⁵. São estudadas em conjunto devido à proximidade de estilo e conteúdo. O centro teológico que encontramos nas Pastorais é o fato de existir uma "doutrina correta", que deve ser ensinada por pessoas corretas (necessariamente bispos ou

5 Estes escritos foram assim chamados desde o início do século 18. São sempre estudados em conjunto e não situados em mãos paulinas. É bem verdade que alguns escritores ainda insistem em situá-los sob redação paulina num período posterior à prisão em Roma, o que é pouco provável. Preferimos situá-los em fins do primeiro século, talvez na virada do século, em comunidades de tradição paulina. Veja FIGUEROA, Ana Cláudia, *Comunidade e heresia na Ásia Menor*. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior, 1993, p.25-35.

presbíteros⁶). A pressuposição da existência de uma doutrina conhecida, que deveria ser normativa, nos remete a um período mais tardio. E não somente isso, mas indica outra forma de organização eclesial.

É nas Pastorais que encontramos os trechos mais estranhos que relacionam explicitamente mulheres no Novo Testamento: 1 Timóteo 2,8-15 sobre a oração ou postura no culto público, 1 Timóteo 5,3-16 sobre as "verdadeiras viúvas" e Tito 2,3-5 sobre mulheres "presbíteras".

O que mais nos chama a atenção nestes textos, bem como no anterior, é que indicam atividades desempenhadas por mulheres no ambiente litúrgico. Mas, aparece uma nova atividade: o serviço. Nas Pastorais encontramos indícios de uma eclesiologia diferente da comunidade de 1 Coríntios. São categorias diferentes na organização interna: bispos, diáconos, presbíteros (nomenclaturas próprias das Pastorais). Aparentemente bispos ou presbíteros são encarregados de ensinar, enquanto diáconos de servir (veja 1 Timóteo 3,1-13).

Uma vez que as Pastorais reforçam a idéia de que existe uma doutrina correta e que somente bispos/presbíteros (cargos nitidamente masculinos) podem ensiná-la, devemos pressupor que são contra a presença de mulheres no ensino. Essa idéia se reforça no estudo do texto de 1 Timóteo 2,8-15.

Observem os versículos a seguir:

v.8b-9: *Os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade. Da mesma sorte, as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia.*

v.11-12: *A mulher aprenda em silêncio, com toda submissão. E não permito que a mulher ensine...*

O tema aparentemente é a ordem no culto nos momentos de oração, mas com um acréscimo extremamente sugestivo: "aprenda em silêncio", "não ensine". Se ensinar é a principal função, pois significa conhecer a "doutrina correta", mulheres não podem fazê-lo. É nesse contexto que surge a normatização no trato às viúvas.

O texto é grande e complicado. Poderíamos dizer que estamos lidando com um serviço às viúvas que não funcionava bem. Daí, a necessidade de distinguir quem é verdadeiramente viúva ou não. No entanto, o problema está no fato de tratar com desprezo as chamadas "viúvas jovens": levianas, ociosas, tagarelas, intrigantes, "falando" o que não devem (1 Timóteo 5,11-16). Estariam elas ensinando de casa em casa?

Na realidade, para as Pastorais, o ideal são as viúvas verdadeiras: *Recomendadas pelo testemunho de boas obras, que tenham criado filhos, exercitado a hospitalidade, lavado os pés dos santos, socorrido os atribulados, que viveram na prática zelosa de toda a boa obra* (1 Timóteo 5,9-10). A função da viúva estava no serviço e não no ensino.

Assim, o conflito se concretiza: onde a comunidade ainda não apresenta uma hierarquia masculina, as mulheres também ensinam. As duas principais funções que nos dão um suposto perfil eclesial para a comunidade são o do ensino e do serviço, ambos desempenhados por homens e mulheres.

O problema surge quando o ensino das mulheres se distancia do ideário paulino desenvolvido (a tradição) e provoca reação por parte dos autores das epístolas pastorais. Estes querem uma hierarquia: bispos/presbíteros homens que ensinem, com mais poder decisório; mulheres e homens diáconos servindo, com menor poder eclesial. Não há indicativos sobre o conteúdo do ensino dos grupos em oposição aos defensores da tradição paulina. As "heresias" combatidas nas Pastorais indicam dois

6 Apesar de serem dois termos distintos são utilizados nas Pastorais com funções comuns (Veja Tito 1, 5.7).

movimentos: alguns com ensinamentos mais "liberais" (1 Timóteo 6,3.5; 2 Timóteo 2,18-26; 3,4.5; Tito 1,11.16), outros com ensinamentos mais ascéticos (1 Timóteo 1,4; 4,3; 5,23; Tito 3,9.14).

Na realidade, a grande dificuldade demonstrada pelo grupo representativo da redação das Pastorais reside no fato de mesmo não conseguir conviver com as diferenças teológicas internas que, sem dúvida, produzem práticas diferentes. Assim, uma maneira de controlar essas tendências diferenciadas é submeter as relações de gênero a uma hierarquia eclesial. Fica mais fácil controlar se elas não ensinam. Que façam o serviço!

Conclusão

Os conflitos eclesiais são frequentes na história do cristianismo. A exclusão deliberada das mulheres em instâncias de poder é fruto de uma construção teológica intencional. Redefinir uma eclesiologia com novos parâmetros eclesiais consiste hoje num desafio às nossas igrejas.

As experiências que percebemos no Novo Testamento sugerem um confronto permanente entre as diferentes eclesiologias experimentadas no primeiro século da era cristã. Aqui só tratamos de textos com a presença clara de conflitos com mulheres líderes. Na realidade, as afirmações teológicas estão sempre vinculadas a relações de vida. Ler a teologia que está na Bíblia é um convite a reconstituirmos a história que corre por trás.

Hoje, como antes, mulheres profetizam, ensinam e tentam normatizar sua fala, ensino e serviço. Que teologia faremos? Que parcialidade assumiremos neste conflito?

Ana Cláudia Figueroa é teóloga e biblista. Mestre em Ciências da Religião e professora no Centro Teológico Regional da Igreja Metodista, em Campinas - SP.

Endereço: Caixa Postal 5054
09731-970 São Bernardo do Campo - SP

Entre o direito e o dever: A crise dos direitos reprodutivos ou a maternidade como opção e não obrigação

Wanda Deifelt

Quando se pergunta, o que significa ser mulher em nossa sociedade, uma das primeiras características mencionadas é a capacidade de reprodução. É uma experiência distinta a de carregar dentro de si outra vida e ser responsável, em grande parte, pelo seu crescimento e desenvolvimento. Chama-se isto de maternidade.

Não é de hoje que a tarefa de cuidar das crianças é quase que exclusiva das mulheres. Devido aos períodos de gestação e amamentação (que são funções biológicas), também foram associadas à maternidade a responsabilidade pelo cuidado das crianças e da casa (que são funções culturais). Desta forma, o universo da mulher passou a ser identificado com o âmbito doméstico.

Uma distribuição de tarefas entre homem e mulher não implica, necessariamente, numa relação de dominação. No entanto, a partir do momento em que uma das tarefas é menos valorizada e até mesmo desprezada, existe uma disparidade. A nossa sociedade não despreza a maternidade. Muito pelo contrário, até a idealiza, ainda que não dê às mulheres condições ideais para desenvolvê-la.

O problema reside no fato da função reprodutora passar a ser a única definição existente para o ser mulher e de se colocar na maternidade a única forma possível de realização. O problema existe quando a função biológica passa a ser confundida com a função cultural. Decorrente disto, existe uma separação entre a capacidade produtora, que é tarefa do homem.

A separação existente entre dois mundos (o da casa e o da rua) revela que há também uma série de atributos específicos para o homem e para a mulher. Dentro da cultura greco-romana, por exemplo, que marca a nossa própria cultura assim como marcou o mundo do Novo Testamento, a maternidade era responsabilidade das mulheres, a produção cabia aos escravos e escravas, e o poder de decisão cabia aos cidadãos (homens livres e proprietários).

Aristóteles, filósofo renomado, dizia que as mulheres eram um mal necessário porque a reprodução da espécie humana não aconteceria sem elas. O ideal de sociedade defendido por Platão era de um mundo masculino. Estas idéias contribuíram para manter o papel inferior das mulheres e foram sendo apropriadas pelos cristãos à medida em que o cristianismo foi se expandindo pelo império romano.

O principal argumento para manter as mulheres em sua inferioridade é o de que elas padeciam de uma fraqueza física, moral e espiritual. Estavam longe do que a cultura greco-romana vislumbrava para o ser humano ideal. Eram consideradas incapazes de tomar decisões por si mesmas e dependiam de outro adulto (pai, irmão, marido ou filho) para se responsabilizarem por elas.

É interessante constatar que a mesma linha de argumento foi se fortalecendo dentro do cristianismo, de modo que as mulheres, aos poucos, passaram a ser definidas exclusivamente pela sua função reprodutora, deixando de ter qualquer capacidade além daquelas restritas ao âmbito doméstico. Verifica-se esta transição contrastando dois textos bíblicos. O primeiro, encontrado em 1 Timóteo 2,12-15, foi amplamente usado pelos pais da igreja para manter a submissão das mulheres. O outro, anterior e mais próximo da proposta de discipulado feita por Jesus, encontra-se em Lucas 11,27-28.

1 Timóteo 2,12-15

Eu não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade. (1 Timóteo 1,12-15)

A pesquisa na área bíblica já mostrou que 1 e 2 Timóteo não são cartas - são manuais empregados por líderes da igreja no segundo século - e não foram escritas por Paulo. O uso frequente de termos que não são empregados por Paulo e a menção de cargos eclesiásticos que ainda não existiam na sua época mostram que o texto não foi escrito por ele. A evidência literária situa este texto nas primeiras décadas do século segundo, em torno de 125 d.C., bem depois da morte de Paulo.

Mas o autor faz uso da reputação e autoridade de Paulo para influenciar o comportamento das comunidades cristãs. Aliás, é muito provável que o destinatário da carta (Timóteo) não seja o mesmo ao qual Paulo se refere em suas cartas. Antes, é um nome fictício usado pelo autor, já que o escrito quer assumir a tarefa de carta pastoral e usar a autoridade de Paulo para tal.

O assunto deste texto é, em especial, o tipo de atitude que o autor espera das mulheres de sua comunidade. Há uma diferença entre um texto descritivo (que descreve uma determinada situação) e um texto prescritivo (que escreve quais atitudes são apropriadas e devem ser seguidas). Este texto entra na categoria do texto prescritivo, ou seja, é um texto que quer convencer as pessoas a seguir um tipo de comportamento. Para isto, é necessário achar argumentos - biológicos e teológicos - que justifiquem esta atitude ideal.

Argumentos e contra-argumentos

É importante ter uma certa dose de suspeita em relação a esta passagem e até ler o texto contra ele próprio. Um texto bíblico não precisaria insistir no silêncio das mulheres caso estas já vivessem da maneira como o autor idealiza, ou seja, em submissão. Se fosse assim, o autor iria simplesmente louvá-las por sua atitude. Suspeita-se, portanto, que o contrário esteja acontecendo: as mulheres estão muito ativas. É importante ler o texto com perguntas críticas.

Dois argumentos são usados pelo autor para indicar um comando divino da superioridade masculina. O primeiro faz referência ao relato da criação encontrado em Gênesis 2,4-25. Ali, ao invés do homem nascer do corpo da mulher, há uma inversão. Deste modo a mulher nasce do homem (da costela de Adão). Esta ordem na criação implica também em domínio sobre o que é criado depois, ou seja, a mulher deve ser submissa ao homem porque foi criada a partir dele. Este mito da criação quer inverter a ordem da natureza, pois sabemos que nascemos a partir do corpo da mulher.

Por que tal mito quer fazê-lo? Na época em que Gênesis 2,4-25 foi escrito - e isto é semelhante em outras culturas - havia um grande mistério em torno do nascimento. É claro que os homens deviam ter consciência da sua participação na paternidade, mas, em geral, a capacidade reprodutora das mulheres era uma incógnita. Como a reprodução estava interligada aos ciclos da lua, das estações, das colheitas, era revestida de grande poder. Em épocas onde a mortalidade era alta, havia também uma necessidade maior de nascimentos. A maternidade representava não só a criação de mais pessoas para trabalhar, mas implicava na sobrevivência da espécie.

Os mitos da criação de outras religiões explicam o surgimento do primeiro ser humano e atribuem este feito à deusa mãe, que em diferentes culturas era venerada através de cultos de fertilidade. No entanto, dentro da tradição judaica havia grande dificuldade de aceitação das divindades femininas, dos cultos de fertilidade e do reconhecimento deste poder das mulheres. Por isto era necessário criar um novo mito que destituísse as mulheres deste poder e o passasse, simbolicamente, ao homem. Assim, a reprodução acontece através de uma costela, não de um útero.

Se pensarmos no texto de 1 Timóteo 2,12-15, é necessário reconhecer que o texto não está inventando novas idéias. Está resgatando uma tradição que já existia no Antigo Testamento, mesmo que não fosse muito difundida. O segundo relato da criação não era uma passagem central, já que havia outros temas muito mais prementes do que este. Mas na história do judaísmo ele foi amplamente usado para justificar a subordinação das mulheres. O que acontece, porém, é que um texto descritivo (um mito que descreve o surgimento do ser humano) passa a ser prescritivo (determina as atitudes que as pessoas devem tomar).

Mas o argumento biológico não pode ser negado: é a mulher que dá à luz, não o homem. Dando-se conta deste fato inquestionável, o autor de 1 Timóteo faz uma jogada interessante: remete o "nascimento" não para o lado físico, mas para o lado espiritual. As mulheres devem nascer a partir de seus maridos, que vão dar-lhes a luz através de conhecimento e do crescimento na fé. Elas dependem deles para aprender, pois é a eles que devem consultar em caso de dúvida. Por isto é necessário que as mulheres fiquem em silêncio e reconheçam a autoridade de seus maridos.

O segundo argumento provém do relato da queda (Gênesis 3). Sendo Eva a segunda na ordem da criação, ela acabou sendo a primeira a pecar. O texto faz uma leitura do pecado de modo que a mulher é seduzida primeiro e depois corrompe o homem. Aliás, este texto serviu como protagonista para uma série de interpretações machistas, como a de Orígenes que afirmou que a mulher foi a porta de entrada do pecado no mundo.

No Antigo Testamento, a noção de pecado não estava ligada à Eva e ao fruto da árvore da vida. A noção de pecado aparece pela primeira vez quando Caim mata seu irmão Abel (Gênesis 4). O relato da queda é descritivo. Quer explicar porque a realidade é do jeito que é, porque se come o pão com o suor do rosto e porque as mulheres dão à luz em meio a dores. Esta é a condição humana. No entanto, é a partir de textos como 1 Timóteo 1,12-15 que o pecado passou a ser visto primordialmente a partir do relato da queda e tendo uma conotação sexual. Isto, aliás, o texto de 1 Timóteo não diz, mas infere através do uso da palavra "seduzir".

O que este texto introduz é um ensinamento novo sobre a maternidade como a forma das mulheres obterem salvação. Em todos os tempos, as mulheres sempre foram identificadas por sua função reprodutora a tal ponto que a maternidade passou a ser um condicionamento cultural. Em diversas passagens do Antigo Testamento também há testemunhos da discriminação que as mulheres estéreis sofriam e do seu desespero em gerar uma criança, de preferência um filho (Sara, Ana). Mas é em 1 Timóteo 2,12-15 que pela primeira vez a maternidade é vista como meio de salvação.

Com a tendência da igreja de se acomodar gradualmente aos padrões culturais e normativos da época (em conformidade com o modo de vida romano), houve também uma masculinização das lideranças. Porém, no primeiro século, no início do movimento de Jesus, havia tanto homens como mulheres desempenhando papéis de liderança (apesar da escolha de doze homens mais próximos a Jesus). Mas o mesmo não é válido para o segundo século, quando as mulheres vão pouco a pouco perdendo um espaço conquistado, ficando relegadas a desempenhar culturalmente papéis pré-definidos. Por isto, é necessário procurar outros paradigmas.

Lucas 11,27-28

Enquanto ele assim falava, certa mulher levantou a voz em meio à multidão e disse-lhe: "Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!" Ele, porém, respondeu: "Felizes os que ouvem a palavra de Deus e a observam". (Lucas 11,27-28)

O evangelho de Lucas foi escrito provavelmente no final do primeiro século e muito pouco se sabe sobre quem o escreveu. Por ter sido escrito também neste período de transição do movimento de Jesus para grupos mais institucionalizados e hierárquicos, apresenta modelos bastante limitados para as mulheres. No entanto, o texto não pode negar que havia uma grande participação de mulheres dentro

do cristianismo. Assim, é interessante observar que Lucas oferece um número significativo de nomes de mulheres que seguiam a Jesus.

O texto de Lucas 11,27-28 tem como pano de fundo uma cultura que valoriza a mulher pelos filhos que ela gerou e criou. As mulheres, por si só, não tinham nenhum valor. Sua identidade vinha da sua relação familiar: ela era filha, esposa, mãe, mas nunca um sujeito autônomo com capacidade própria. Sua realidade era de completa servidão e submissão. A base principal para a discriminação eram as leis da pureza (as mulheres eram consideradas impuras por causa da menstruação).

Sabe-se que as leis da época eram bem claras para as mulheres: quando solteira deveria obedecer ao pai; quando casada, ao marido; e quando viúva deveria obedecer aos filhos. A mulher não tinha direito nem sequer a uma vontade própria, mas devia seguir o que os homens da família lhe diziam. Era considerada uma propriedade, assim como uma mula, que precisava ser alimentada e cuidada, mas de quem em troca, se esperava serviço. Também era considerada como uma "criança grande", que não podia tomar decisões por conta própria.

Por causa desta limitação, as mulheres estavam isentas do estudo da Torá, da participação nos rituais e das orações na sinagoga. Nesta, eram colocadas num local separado (devido às leis da pureza). No entanto, as mulheres não eram proibidas de estudar! Havia um dito rabínico que dizia: *Ai do homem que ensina a Torá para sua filha*. Esta crítica só seria necessária ao país que ensinavam suas filhas a ler e a interpretar a Torá. Mas isto de fato acontecia somente com uma minoria.

Era considerado impróprio que as mulheres falassem em público. Por isto, o fato desta mulher (sem nome), em Lucas 11,27-28, falar em público, é uma atitude nova para a compreensão que se tinha das mulheres na época. Era considerado uma falta de respeito uma mulher dirigir-se verbalmente a um homem. No entanto, esta mulher ficou tão impressionada com o que havia visto e ouvido de Jesus que não conseguiu conter-se. Assim, rompe duas barreiras:

- * uma mulher dirige-se a um homem
- * exerce esta ação em lugar público.

No entanto, chama a atenção o conteúdo do que a mulher diz: faz referência justamente àquilo que há de mais tradicional dentro da cultura da época - a identificação da mulher com a maternidade. Em outras palavras, ela persevera no discurso da mulher que se alegra através de seu filho, que vive através de suas glórias, que acha sentido para a vida por intermédio do seu ministério. Mas a resposta de Jesus é outra. Ele não idealiza a maternidade como única opção para as mulheres. Muito ao contrário, dá a elas muito mais possibilidades do que se poderia pensar.

Jesus faz referência à palavra de Deus, ou seja, que as mulheres devem ter acesso a ela. O texto fala em ouvir a palavra de Deus e observá-la. Um detalhe pequeno mostra a tentativa de Lucas em diminuir o teor revolucionário da resposta de Jesus. Em outro texto que fala sobre sua família (Lucas 8,19-21), Jesus diz que sua mãe e seus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática. O "pôr em prática" (Lucas 8,21) tem uma conotação ativa, que lembra o discipulado. Na resposta dada à mulher, Jesus diz que o importante é ouvir a palavra de Deus e observá-la.

Por que Lucas coloca para as mulheres a possibilidade de "observar" ao invés de praticar? Há uma diferença entre ambos. O observar tem no grego o sentido de manter para si, de guardar, ao passo que praticar implica em colocar em ação. Cabe a Lucas também um pouco de suspeita. Ele defende que a mulher tenha acesso a alguma informação, que se mudem alguns condicionamentos culturais. Mas para Lucas estava se tornando difícil defender as idéias e a prática de um modo tão radical quanto Jesus. Assim, ele tenta diminuir a possibilidade de atuação das mulheres: que elas escutem e observem, mas não necessariamente saiam pelo mundo anunciando a mensagem de Jesus Cristo como faziam os homens.

Mesmo assim ele não pode negar o episódio entre Jesus e esta mulher sem nome e não pode deixar de mencionar aquilo que é o central na troca de palavras: a possibilidade das mulheres não serem valorizadas exclusivamente por seu papel reprodutor, mas por sua capacidade de aprender, pensar, refletir e fazer outras coisas além do ambiente doméstico e privado. As palavras de Jesus são, na verdade, um convite ao discipulado. Isto é o central na história: a vocação das mulheres não está somente na maternidade, mas no exercício de um discipulado fiel.

O que Jesus faz é abrir infinitas possibilidades para as mulheres ao invés de restringi-las a papéis culturalmente pré-definidos. Estas possibilidades se encontram no discipulado, no seguimento de Jesus, da sua mensagem e da sua prática. Neste discipulado as mulheres não existem em função da reprodução, nem da manutenção de uma estrutura familiar machista. As mulheres existem como seres humanos, com limites e capacidades, criados para serem sujeitos pensantes e atuantes.

O impacto que esta mensagem causou entre os grupos menos favorecidos, em especial mulheres e escravos, foi estupendo. Textos como o de Romanos 16 atestam o grande número de mulheres que se sentiam chamadas a sair pelo mundo anunciando o evangelho e a engajar-se no trabalho missionário. Mas, se todas quisessem sair para anunciar o evangelho pelo mundo, quem iria cuidar das tarefas domésticas, das crianças e dos maridos? Além disto, se as mulheres não assumissem mais o seu papel reprodutor, o que aconteceria com a estrutura familiar? Diante de tais questões, foi necessário enfatizar o papel tradicional e submisso das mulheres. E é por isso que os textos de 1 Timóteo 2,12-15 foram difundidos.

Se podemos suspeitar que as mulheres possuíam uma participação ativa dentro da comunidade cristão primitiva, então também a elevação da maternidade como forma de salvação deve ser colocada sob suspeita. Partindo da fórmula batismal onde não há distinção entre judeu nem grego, escravo ou livre, homem e mulher (Gálatas 3,27-28), estabelecia-se uma comunidade onde todas as pessoas eram discípulas e irmãos entre si. Esta era a proposta da comunidade feita por Jesus e a partir dela percebe-se a presença marcante das mulheres. Assim, a colocação de 1 Timóteo 2,12-15 é, na verdade, uma contradição com as palavras de Jesus.

Dentro da proposta de discipulado, a salvação não pode depender da maternidade. Isto é contra o princípio defendido por Jesus em Lucas 11,27-28. A mulher não é valorizada por sua função biológica, mas por sua capacidade de pensar e agir, pelo seu discipulado fiel. Lucas 11,27-28 apresenta outra possibilidade de atuação para as mulheres. O que importa é, em primeiro lugar, dar à luz a si mesma. O valor das mulheres está em seu discipulado fiel, por isto, a maternidade é uma opção, e não uma obrigação.

Wanda Deifelt é pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Doutora em teologia e professora na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo - RS.

Endereço: Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo - RS

"Para permanecer no caminho, precisamos de uma canção" (Manushi)

Maria Luiza Rückert

"Urgente se faz
afagar a vida
ferida como está."

"Ânimo nos daremos a cada passo
ânimo, compartilhando a sede e o cântaro
ânimo, pois, ainda que tenhamos envelhecido
sempre a dor parece um recém-nascido."

Mulher: Cada ato que faz, o corpo confessa!

Em sua poesia "Aviso da lua que menstrua", a poeta e atriz Elisa Lucinda diz:

"Moço, cuidado com ela!
Há que se ter cautela com gente que menstrua...
Imagine uma cachoeira às avessas: cada ato que faz, o corpo confessa
Cuidado com essa gente que se metamorfoseia. Metade legível, metade sereia
Barriga cresce, explode humanidades
E ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar
Mas, é outro lugar: af é que está..."

Tristezas, alegrias, experiências de vida, emoções, prazeres e desprazeres desenham as linhas do nosso corpo e registram a nossa história.

"Faz muito tempo que perdemos as chaves para o nosso corpo", escreve Thérèse Bhertherat. A metáfora da casa/corpo é a primeira tomada de consciência que se faz urgente e necessária. Mergulhada na difícil tarefa da sobrevivência, a imensa maioria dos seres humanos se desconhece como um ser integral.

Para Wilhelm Reich, "a estrutura caracterológica do homem atual que está perpetuando uma cultura patriarcal e autoritária de quatro a seis mil anos, se caracteriza por um encouraçamento contra a natureza dentro de si mesmo e contra a miséria que o rodeia". Reich identifica as disfunções da sexualidade como o cerne do distanciamento do ser humano em relação a seu corpo e à sua natureza. Deslocamos o prazer para fora do nosso corpo. A nossa potência passa a ser traduzida pelas coisas que exibimos: carro, moto, roupas de *griffes* caras, jóias, perfumes, cigarros.

Para as pessoas atingidas por essa doença cultural, um par de sapatos, um vestido novo ou um carro perdem a sua atração, depois de pouco tempo de posse. De modo análogo, passamos a proceder assim também com a pessoa amada, com os amigos. Reich, unindo corpo e mente, e mostrando aos ocidentais o quanto estavam distanciados do seu corpo há milênios, deu os fundamentos da medicina psicossomática. Ele denunciou que os bloqueios da energia acarretam doenças - biopatias, e quando não estamos bem no plano psíquico, o nosso corpo revela isso claramente.

Reich mostrou que temos uma memória corporal, que todos os acontecimentos, nossa história de vida ficam inscritos em nossa estrutura corpórea, ou seja, o inconsciente está gravado muscularmente.

Vemos, então,

- ou a mulher aleijada que, de tanto sofrer agressão no corpo e na alma, ficou dezoito anos amargamente encurvada diante da vida (Lucas 13,10-17)

- ou a mulher que se sente criada à imagem e semelhança de Deus, com o olhar radiante, postura feliz, olhando com firmeza nos olhos de Deus, nos olhos da vida!

Para nossa tristeza, as escolas médicas pouco valorizam o ouvir, apalpar, cheirar, observar. Os alunos de medicina são conduzidos a realizar uma trajetória em direção aos "fragmentos" do corpo: coração, fígado, rins, útero. É preciso resgatar a nossa condição humana de sentir, tocar, entender o nosso corpo como algo único, e, se aprendermos a conhecê-lo, ele nos falará se alguma coisa vai bem ou mal.

O fato de estarmos tão distanciados da nossa natureza tem origem sócio-econômica, pois "o indivíduo educado numa atmosfera de negação da vida e da sexualidade contrai angústia de prazer, que se manifesta fisiologicamente em espasmos musculares crônicos".

A partir daí se desenvolve uma ideologia negadora da vida, que é a base das ditaduras. Ao internalizar a mecanização externa da sociedade, o ser humano se endurece e se submete ao que lhe é imposto.

Afastadas de nós mesmas, do nosso corpo...

Quanto a nós mulheres, as leis da sociedade patriarcal nos afastaram de nós mesmas, do nosso corpo, nos culpabilizaram, nos alienaram dos nossos sentimentos, nos tornaram amedrontadas e fugitivas do prazer, do erótico. É essencial resgatar e cultivar o conhecimento de nós mesmas como "caminho privilegiado de respeito e ternura pela vida que nos habita". A agitação da vida moderna e a nossa correria pela sobrevivência não favorecem o cultivo da interioridade, do silêncio com nós mesmas, da escuta do nosso próprio ser. "Precisamos repensar velhas perguntas e recuperar riquezas escondidas na memória de nosso corpo, em nossos sonhos de liberdade e ternura." "É preciso ter presente que as leis são ajuda para a luta pela dignidade humana, mas são incapazes de dar conta do mistério que somos e do enigma sempre desafiante de nossa sexualidade" (Ivone Gebara).

Toda fala de violência contra a mulher é fala de dor. No seminário "Violência contra a mulher", promovido pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em Costa Rica, em 1993, mulheres latino-americanas perceberam que ainda hoje o sistema patriarcal, presente nas estruturas de poder, quer manter o controle do corpo e da alma da mulher, sob pena de violências praticadas nas esferas pública e privada, atingindo-a em sua dignidade, sexualidade e alteridade. Para que as correntes de violência não pesem mais sobre os nossos corpos, é preciso lutar contra o preconceito e a discriminação, possibilitar a criação de novas relações entre homens e mulheres, criar novos conceitos de família, afetividade e sexualidade.

A sociedade ocidental envileceu e desvalorizou o erotismo, e nós mulheres fomos levadas a desconfiar deste recurso. Aprendemos a suprimir o erótico como fonte de poder e conhecimento no interior de nossas vidas. Audre Lorde, escritora norte-americana, já falecida, negra, feminista, fala do "poço de fora do erótico para a mulher que não teme a sua revelação". Temos sido afastadas do erótico como fonte de poder e conhecimento, confundindo-o com a pornografia, que é o seu oposto! A pornografia é a negação direta do erótico, porque representa a supressão dos verdadeiros sentimentos. Pornografia e erotismo são duas formas diametralmente opostas do sexual.

Também se tentou separar o erótico do espiritual... Ensina-nos a separar o erótico de todas as áreas vitais da nossa vida que não sejam o sexo.

Na mitologia grega, *Eros*, nascido de *Caos*, representa o poder criativo e a harmonia.

Fomos criadas e moldadas para temer o SIM dentro de nós - nossos anseios mais profundos. "Quando vivemos afastadas das diretivas eróticas que vêm de dentro de nós mesmas, então nossas vidas permanecem limitadas por formas externas e alienantes. Terminamos por nos ajustar a uma estrutura que não está baseada nas necessidades humanas. Quando porém começarmos a viver de dentro para

fora, em contato com o poder erótico em nós e permitindo que esse poder ilumine nossas ações no mundo, então estaremos sendo responsáveis por nós mesmas no sentido mais profundo." (Audre Lorde)

Romper os silêncios, encontrar nossas raízes, cantar nossas canções de origem!

Mulheres do mundo inteiro têm como denominador comum de sua militância e reflexão a sua relação com o corpo. São levantadas e analisadas questões importantes sobre a violência contra a mulher, sexualidade, prazer, culpa, aborto, esterilização em massa. Teologia da libertação, teologia feminista e teologia negra são desafios diretos à espiritualidade ocidental negadora do corpo, pois levam a sério a realidade corporal das pessoas. Diz um teólogo japonês que "Deus é arroz que fecunda os pobres da Ásia, dando-lhes o seu corpo", e revela um outro teólogo que "para quem tem fome, Deus aparece sob a forma de um pedaço de pão".

Lembro aqui de Elisabeth Moltman-Wendel, quando percebe ser "a emancipação corporal da mulher" o caminho da superação do primado da razão sobre a sensibilidade e a receptividade. Essa emancipação corporal concretiza-se no ideal de acolhida do outro, no significado recipiente (do útero), entendido como possibilidade de superação de um mundo masculinizado e competitivo.

No nosso Brasil e na América Latina, essa emancipação corporal da mulher vem sendo aprofundada por teólogas, sendo o seu ponto de partida a experiência de vida e o trabalho com mulheres pobres na sua luta pela sobrevivência. Muito lindos e expressivos são os textos da teóloga católica Ivone Gebara. Eles consideram a corporeidade feminina como o ponto de partida de uma tarefa ética que resgata o verdadeiro sentido de homem e mulher como seres criados à imagem e semelhança de Deus. Como filhas de Deus, rejeitamos a evasiva escatológica, que transfere para a outra vida a realização da igualdade mulher-homem.

As mulheres começam a reencontrar a sua própria identidade, em nível de corpo, em nível de alma! Como a samaritana (João 4), as mulheres vão descobrindo, no face-a-face com Jesus, a sua própria identidade, a força interior que lhes vem da fonte da Água Viva. Água que lhes dá coragem e resistência na luta pela vida melhor para todos, como forma de corresponder ao Deus da vida. Como a samaritana, as nossas mulheres vão percebendo como são rasos os cântaros de barro...

Da Bíblia - como ponto de partida e de chegada - extraí-se força e coragem. Inspiradora é a história de vida de mulheres do povo hebreu, das discípulas de Jesus, das militantes da igreja primitiva. "A teologia feita pela mulher latino-americana brota da escuta amorosa e atenta, do ver e do contemplar, como fizeram as mulheres diante do túmulo de Jesus (Marcos 11,47)." Trata-se de uma teologia que se traduz em prática afetiva e efetiva, buscando articular o racional com o coração e as entranhas, restaurando o espiritual, o poético, o sapiencial e o simbólico.

Ao fazerem teologia na ótica da mulher, as mulheres estão num processo de "escavação" bíblica. Nossas buscas devem partir de nossas realidades, e os achados, na Bíblia, devem voltar às mulheres, modificando-as. "Não podemos ter medo de colocar a questão, sabendo que não existem conclusões fáceis, nem respostas perfeitas. Compreendendo que, mesmo que encontremos algumas respostas, elas nos levarão a novas perguntas. Se existe esperança, ela não está somente nas vozes, mas também nos silêncios de milhões de mulheres." (Corinne Kumar D'Souza)

Explorar caminhos novos e arriscar-nos por lugares desconhecidos!

Guardamos nossos sonhos e desejos num baú tão profundo que, às vezes, esquecemos que existem... Por que não lutamos por eles?

A resposta, pode estar na forma como nos educaram em casa, na escola, na igreja, na sociedade, ou através da TV, revistas e jornais.

